



Voz d'AREGA

Director: ALMIRO MORAIS

• MENSÁRIO REGIONALISTA •

Preço: 100\$00 (0,5 euros)

ÁLCOOL – UMA DROGA CONSENTIDA

É PREOCUPANTE o aumento do consumo de bebidas alcoólicas em Portugal, principalmente ao nível das camadas mais jovens e das mulheres. Por outro lado, está a cair em desuso o consumo tradicional de vinho — por alguns especialistas considerado como benéfico, quando tomado com moderação —, que cede o lugar à cerveja e a bebidas destiladas de alto teor etílico.

Figuras gradas da Medicina portuguesa, desde o Professor FERNANDO DE PÁDUA, do Instituto do Coração, até ao Dr. AUGUSTO PINTO, do Centro Regional de Alcoologia de Coimbra, põe o dedo na ferida e aconselham algumas regras básicas para conviver com o álcool.

Na Antiguidade e até à Idade Média, só os altos dignitários bebiam vinho, considerada bebida dos deuses, tanto que foi adoptada pela Igreja Católica para as cerimónias eucarísticas. Nesse tempo, a cerveja era a bebida da plebe.

E IS, pois, alguns conselhos e definições que podem ajudar a tomar uma decisão quanto ao saber beber.

- A presença de álcool no sangue é a indicação de que o álcool se espalhou em todo o corpo, e particularmente nos órgãos mais abundantemente irrigados como o fígado e o cérebro, sendo a taxa de alcoolémia a quantidade de álcool existente no sangue e no corpo de um indivíduo num determinado momento. Assim, quando se fala de uma alcoolémia de 0,5 g/l é o mesmo que dizer que existem 0,5 g de álcool por litro de sangue. O Decreto-Lei n.º 124/90 proíbe que qualquer indivíduo conduza com uma taxa igual ou superior a esse valor, o qual é muito facilmente atingido, por exemplo após a ingestão de dois copos de vinho ou 1/2 litro de cerveja, em média.

- As bebidas alcoólicas, mesmo tomadas só ocasionalmente e em pequena dose, provocam modificações nos nervos e músculos, que diminuem a sensibilidade; diminuição da visão, dificuldade na compreensão das distâncias e alterações do campo visual.

- Se for mulher e estiver grávida ou a amamentar não deve beber bebidas alcoólicas. O álcool atravessa facilmente a placenta e circula da mãe para a criança.

Conforme a quantidade de álcool ingerido, as consequências podem ser diversas: abortos espontâneos; nascimentos prematuros; parto prematuro, e malformações do crânio e da face da criança, dos membros, do coração, dos rins, etc., e deficiente crescimento em termos de peso e estatura. É isto é muito mais frequente do que à partida se pode pensar. Mesmo bebendo em doses moderadas o risco de anomalias no feto é grande.

- Crianças e adolescentes antes dos 17 anos não conseguem eliminar o álcool que ingerem. A mais pequena quantidade é suficiente para prejudicar o funcionamento das capacidades em pleno desenvolvi-



mento, quer em crianças quer em jovens, como por exemplo a inteligência, a memória, o raciocínio, a atenção! Da mesma forma os seus órgãos e estruturas do sistema nervoso central são muito mais sensíveis ao álcool nesta fase da vida. Pais e professores têm um papel a cumprir em tudo isto. Elucide o seu filho sobre os perigos do consumo de álcool e evite beber como modo social de estar, ou estilo de vida, sobretudo em frente das crianças: elas muitas vezes adquirem em jovens os estilos de vida que lhes mostraram durante a infância.

- As ingestões habituais excessivas de bebidas alcoólicas, muitas vezes em pequenas doses mas repetidas ao longo do dia, vão mantendo uma alcoolização permanente do organismo e uma situação de intoxicação alcoólica crónica, doença alcoólica ou alcoolismo crónico. Desta forma existe um efeito contínuo sobre todos os órgãos do corpo, que provoca graves alterações, como por exemplo gastrite, úlceras, falta de apetite, vômitos, cirrose do fígado,

sintomas neuro-musculares (formigueiros, adormecimento dos dedos, câibras, dores e cansaço muscular, tremor das mãos), doenças cardiovasculares e do aparelho respiratório, e também alterações mentais e psicológicas como sejam dificuldade de raciocínio, perda de memória, irritabilidade, depressão, delírio alcoólico, etc.

- Se bebe em demasia, procure o apoio de amigos e familiares e fale com o seu médico: ele o ajudará! Às vezes (quase sempre) é difícil reconhecer que se é alcoólico, todavia um primeiro passo para o tratamento é o reconhecimento de que bebe de mais. Esteja atento aos seguintes sinais: conflitos em casa, no trabalho ou com amigos, falta de memória, dificuldade em concentrar-se, vontade de beber logo pela manhã, tremor das mãos... Se isto se passa consigo, está na altura de pedir ajuda e parar. Depois pode ser tarde!

- Não quer dizer que indivíduos adultos, saudáveis, não bebam, desde que moderadamente. Um adulto não deve ultrapassar 1/4 de litro de vinho ou duas cervejas repartidas pelas 2 principais refeições, e não deve beber entre as refeições ou em jejum. A ingestão de aguardente, bagaço, vodka, whisky, etc., deve ser uma situação excepcional.

NESTE NÚMERO:
MAIS EPISÓDIOS DE
A Clarinha do
Casal dos Ventos

Ele há coisas...



RUI LOPES

Falemos então de b la

O FUTEBOL é o desporto favorito dos Portugueses. É motivo de conversa e controvérsia, não raras vezes, nas paragens de autocarro, nos cafés, nos convívios familiares, nos jornais e na TV: por vezes parece até a alguns o tema mais interessante que se pode debater nos dias que correm. Eu vejo pessoas lamentarem as derrotas do Benfica e os louros do FCP com tal tom de emoção, que não seriam mais convincentes se estivessem a narrar um qualquer episódio tocante das suas próprias vidas. Um jogo dos "grandes" consegue encher um estádio e provocar o caos no trânsito da cidade. O Sr. Pinto da Costa, o Major Valentim Loureiro e muitos outros jogam a credibilidade política e pessoal que têm (e a que não têm...) a discutir no "Jogo Limpo" o escândalo da arbitragem ou a má fé da Liga dos Clubes. A D. Cinha Jardim é o rosto do ideal politicamente correcto do anti-machismo e a marca do alargamento da paixão futebolística a senhoras e meninas, tornando acessível à real totalidade das gentes deste país a inclusão neste grande clube que é "os maluquinhos da bola". Ora, eu não gosto de futebol e, mal dos males, acima de tudo, não me entra na cabeça essa história mal contada do EURO 2004. Responder-me-ão: "ò jovenzinho, é natural que, não gostando da bola, não te agrade o assunto". Pois essa é a boa desculpa que parece calar quem guarda um pouco de sanidade acerca do rumo deste país.

Ainda me lembro daquela "gaffe" do

Primeiro-Ministro durante a campanha eleitoral acerca dos "fundos ilimitados" para Timor. O pobre homem se calhar não quis bem dizer aquilo que disse, mas deixou alguns a pensar (entre os



quais eu próprio me incluo) que o governo se acha a nadar no cofre-forte do Tio Patinhas e que, mais paixão menos paixão, 3, 4, 10 ou 100 milhões de contos, vai tudo dar ao mesmo. Mas não se podia dizer isto na altura!!! Porque, explicando melhor, o que se queria dizer é que não poderia existir um limite orçamental estabelecido para uma solidariedade que desde o princípio havia sido ilimitada e incondicional. Pois bem, dessa passou. Mas, e agora? Eu até tenho medo de dizer os números que ouvi na televisão para a previsão dos custos do EURO 2004, porque até me arrepio... Que barbaridade! Será então que a paixão ilimitada do futebol implica também um gasto ilimitado de fundos? Então e Timor? Então e a educação? E a saúde? Alguém por favor lembre o governo que "ilimitado" só pode ser uma "forma de falar"... porque parece que se esqueceu!

Isto dos "milhões e milhões" que se gastam desta maneira deveria fazer lembrar que o rendimento dos Portugueses, o "buraco" da Saúde, os índices de desenvolvimento e a dívida externa (entre outros) não são pesadelos que se têm de vez em quando e coisas que "vão ao sítio" na próxima fase ascendente da economia. Mas não! O que se vê no telejornal é a festa do ministro Sócrates e do Carlos Cruz (já com cara de quem bebeu um copito de champanhe a mais) a dizerem que não têm palavras para a alegria de Portugal ter sido escolhido para organizar o EURO 2004. Como se lhes tivesse saído a lotaria! E como se não fosse precisamente o contrário disso!

Não me venham cá com tretas: não há credibilidade internacional nem publicidade nem turismo que cubram a factura desta brincadeira de mau gosto. Porque realmente as vozes de crítica que se levantam são, como referi, "amordaçadas" pela constatação que quem não gosta de futebol não compreende. Mas eu digo: o "gosto" discute-se neste caso. Porque é de um gosto doentio vir falar a público de pobreza, de bairros de lata, de falta de qualidade de vida, para, nas costas de quem é pobre, idoso ou doente, esbanjar o que se tem e não tem na promoção além-fronteiras do "desporto rei". Que socialismo este...

Eu não sei se esta coisa do EURO 2004 se rege pela máxima que, salvo o erro, foi aplicada à Expo 98, de que se "paga a si própria". Ele há coisas que, como diz a minha avozinha, "a ver iremos".



MEMBRO REGIONALISTA

Registos no Instituto da Comunicação Social:
Publicação Periódica n.º 117 450
Empresa jornalística n.º 217 449

PROPRIEDADE: ARCA - Associação Recreativa e Cultural Areguense
INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

3250 AREGA - FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Contribuinte n.º 501 078 860

Director: Almiro Antunes Morais • Director-Adjunto: Pedro Alves Ferreira

Colaboradores: Céu Coelho; Alice Baião Morais; Alice Dias; Dr. Carlos Manuel Alves Ferreira; Dr.ª Helena Serra Fernandes; Dr.ª Irene Borges; Dr.ª Elsa Morais Lopes; Fernanda Morais; Américo Silva Ferreira; António Teixeira Silva; Emílio Borges Gomes (Brasil); Lara Morais; Manuel Conceição Lopes; Manuel Sequeira; Padre Aníbal Henriques; Licínio Ribeiro Gomes; Maria da Glória; Paulo Marçal; Rui Lopes

Redacção: Filial em Lisboa - Trav. Limoeiros, A - r/c dtº. - 1675-877 Famões - Telefone/modem/fax 21 9333194

Composição, paginação e impressão: A. M. M. - Bairro das Queimadas - 1675 FAMÕES

Tiragem deste número: 2000 exemplares

Preço avulso: 100\$00 - 0,5 euros (IVA 5% incluído) • Assinatura anual: 1000\$00 (IVA 5% incluído)

«O jornal Voz d'AREGA é um órgão independente de informação regional» (do Estatuto editoria)



ESTUCARTE
SOCIADA DE ESTUQUES, LDA.

GERÊNCIA DE:
José Conceição Mano

Praceta à Rua João de Deus
N.º 1 - 2.º Dto. - 2685 SACAVÉM

Tel. 21 9530200
Telem. 91 9522813

SE PRECISA DE ÁGUA OU LUZ

contacte **MANUEL DE JESUS**
Telf. 236 644247 • Avelais • AREGA

JOSIMOLAS
DE José Fernandes Simões

• MOLAS IN TODOS OS VEÍCULOS
• ATRILHADOS DE CAÇA
• MEGALHA BERAL
• GÁS INDUSTRIAL
• ÓLEOS • FILTROS

FABRICO E MONTAGEM

Telefone: 236 623251 • 3240 CHÃO DE COUCE

JOURIVESARIA LOURENÇO
Relógios, Ouro e Jóias

ESPECIALISTAS EM ÓPTICA MÉDICA
TAÇAS TROFÉUS MEDALHAS

Tel.: 236 55 21 05 - Figueiró dos Vinhos

ADELINO SANTOS COELHO

praca - 236 644260
resid. - 236 644246
telem. - 91 7253579

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
SERVIÇO PERMANENTE
AREGA - 3260 FIG. DOS VINHOS

AMÉRICO MARTINS
TRANSPORTES DE ALUGUER
MUDANÇAS PAÍS E ESTRANGEIRO
R. S. Martinho, 9 - Alto da Serra
Balxa da Banhoira - Tel. 21 2044816

VISITE-NOS
NÃO QUEREMOS (SÓ)
VENDER MÓVEIS
QUEREMOS FAZER AMIGOS!

MÓVEIS MIK

CABAÇOS
3250 ALVAIAZERE
236 636235

J. F. & I. L.

José Freitas & Irmãos, Lda.
COMÉRCIO DE MADEIRAS E
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
TELEF. 236 644230
BRAÇAIS - 3260 AREGA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

COMÉRCIO MISTO E BAR

JOSÉ HENRIQUES BAIÃO
AGENTE DE SEGUROS:

- IMPÉRIO
- BONANÇA
- TRANQUILIDADE
- INTER ATLÂNTICO

RAÇÕES ADUBOS UTILIDADES
CASA FUNDADA EM 1922

LEONEL da SILVA GOMES
Pintor de Construção Civil

☎ 236 636052
CASALINHO SANTANA - AREGA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Retiro Figueiras
snack-bar restaurante

agora com amplo salão para banquetes

☎ 236 553258
CHÁOS - FIG. VINHOS

ESSERP - ESCRITÓRIOS DE SERVIÇOS E PROJECTOS, LDA.
→ CONTABILIDADE, CONTENCIOSO, ESTUDOS ←

Tel. 236 552313 • 3260 Figueiró dos Vinhos

FACTURAS cartões de visita
GUIAS DE TRANSPORTE
FOLHETOS E BRINDES PUBLICITÁRIOS

CALENDRÁRIOS
T-SHIRTS PROMOCIONAIS
LOGÓTIPOS E EMBLEMAS

contacte pelo telefone 21 9333194
e diga o que pretende...

NÓS FAZEMOS!

empreiteiro de construção civil

FERNANDO GRAÇA CARVALHO
☎ 236 644181
Castanheira - 3260 AREGA • Figueiró dos Vinhos

MÁRIO FERNANDES RODRIGUES
ESTUCADOR

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL
Rua S. Domingos, Vivenda Porto, Lote 8, 1.º Dto.
VALE GRANDE - 1675 PONTINHA • Tel. 21 9804017 - Telem. 96 6003747

ESTE ESPAÇO PODE SER SEU,
BASTA FAZER AQUI PUBLICIDADE

Rentabilize o **SEU** negócio ajudando o **SEU** jornal

Contacte-nos - os nossos preços são uma pechincha!

CAFÉ E MINIMERCADO MANU

Agudbos farinhas gás mercearias e afins

agência **JOKER** gerência de **Camilo Barata Rodrigues**
Castanheira - AREGA - Fig. Vinhos

☎ 236 644106



AO CONTRÁRIO DO ANUNCIADO PAPA DECIDE VIR A FÁTIMA BEATIFICAR PASTORINHOS

A FINAL a cerimónia oficial de beatificação dos pastorinhos já não será em Roma, como tinha sido anunciado, mas sim na Cova de Iria, no dia mais mítico das Aparições, 13 de Maio. O bispo da Diocese de Leiria-Fátima afirmou que foi o próprio Papa que tomou a iniciativa de se deslocar a Fátima para beatificar os pastorinhos falecidos, Francisco e Jacinta Marto. Prevê-se uma recepção gigantesca a João Paulo II, com mais de um milhão de pessoas.

«**F**UI a Roma há alguns meses e reiterei o convite ao Santo Padre para ir a Fátima. No decorrer da visita *Ad Limina* dos bispos portugueses na cidade do Vaticano, o próprio Sumo Pontífice tomou a iniciativa de colocar a hipótese de vir a Fátima», acrescentou D. Serafim Ferreira da Silva.

O BISPO de Leiria-Fátima referiu ainda que, agora, será apenas um problema de organização da viagem que durará os dias que a Secretaria de Estado do Vaticano considerar mais oportunos.

«**I**REMOS fazer uma festa bonita, convidaremos mais de um milhão de pessoas e o Santo Padre poderá beatificar os pastorinhos na

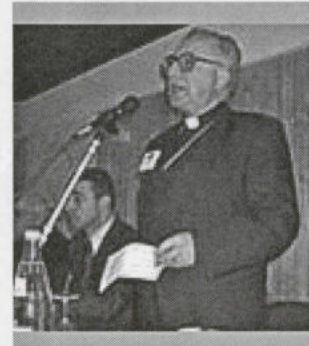
sua própria terra onde ainda estão familiares, como o irmão de Jacinta e Francisco que, por razões de saúde, não poderia deslocar-se a Roma para a cerimónia de beatificação», disse D. Serafim Ferreira da Silva.

UMA convergência de por menores fez com que o Santo Padre tomasse a iniciativa de se deslocar a Fátima, que, segundo D. Serafim, se encontra num país «de tradição cristã, pobre e pequeno no extremo da Europa, onde duas crianças viram Nossa Senhora». O bispo lembra que «é a primeira vez, na história da Igreja, que são beatificadas duas crianças. Isto numa altura em que as Nações Unidas dedicaram a próxima década às crianças e aos seus direitos».

«**N**O próximo dia 13 de Maio faz 19 anos que João Paulo II foi vítima de um louco atentado na Praça de S. Pedro. O Santo Padre, já no limiar dos 80 anos de idade, considera ter sido abençoado por um milagre de Nossa Senhora. Em Fátima irá beatificar os pastorinhos e terá oportunidade de anunciar o início do século, do milénio, e trará uma mensagem especial para a Paz e para as crianças», ainda segundo palavras do bispo de Leiria-Fátima.

Alojamentos há muito esgotados

E O anúncio da visita do Santo Padre a Fátima provocou de imediato uma corrida aos hotéis e estabelecimentos congêneres daquela região do País, encontrando-se actualmente esgotada toda a capacidade de alojamento para aquelas datas, numa área que abrange não só Fátima mas também as cidades e vilas próximas.



D. Serafim Ferreira, bispo de Leiria-Fátima, anunciando a vinda do Papa a Portugal

Até arranjar espaço para dormir ao relento no santuário e arredores será problemático, segundo previsões já adiantadas pelos responsáveis. Por outro lado, as autoridades temem que as vias terrestres sejam insuficientes para dar vazão ao intenso tráfego que se prevê para essas datas.

JUBILEU-2000 — *Porta Santa aberta pelo Santo Padre*



PORTA SANTA — dois «sapietrinos» verificam se está tudo em ordem para a cerimónia

O Papa João Paulo II deu início ao Jubileu do ano 2000 à meia-noite do dia 24/12/99, ao abrir a Porta Santa da Basílica de São Pedro, em Roma, numa cerimónia solene.

Até 1974, foi

respeitado o ritual tradicional, que se cumpria desde o ano de 1500. Com um martelo e uma colher de pedreiro em prática, o chefe da Igreja Católica batia três vezes numa parede que encobria a Porta Santa. A parede era então aberta e o Papa entrava na Basílica, seguido de uma longa procissão de altos dignitários da Igreja e peregrinos, entoando cânticos em honra de Moisés, o pai da tradição do Jubileu — ano consagrado a Deus pelo povo de Israel.

Mas em 1974, Paulo VI, o papa de então, por pouco não foi atingido por pedaços de estuque da parede, que pesavam várias toneladas. Desde aí, as colheres de

pedreiro litúrgicas foram remetidas para sempre para uma vitrina do Tesouro da Basílica.

Na cerimónia deste ano, tal como na última, em 1983, do Jubileu da Redenção, João Paulo II abriu a Porta Santa batendo três vezes na porta com o seu martelo e dizendo três vezes «aperite mihi portas justitiae» (abram-me as portas da Justiça). Um «sapietrino» (operário da Basílica) abriu então a Porta com uma chave de prata. A parede tradicional — construída atrás e já não de um lado ao outro da porta — havia sido aberta na véspera.

VINGANÇA E MISTÉRIO

Afrontando a ira dos moradores do Casal dos Ventos que se encarniçavam contra seu tio, Rogério tomou uma atitude arrogante, tentando defendê-lo:

— Fora daqui, seus labregos! Vão embebedar-se nas vossas choças imundas!

Todo o povo estava fora de si, e não podendo ver aquele intruso tomando o papel de insolente e insultando-os naqueles momentos de dor, agarraram-no e à força arrastaram-no para a rua, onde o derrubaram à pancada, até ficar inanimado. Caiu para não mais se levantar, pois uma bordoadada dada com um chuço nas fontes da cabeça tirara-lhe a vida. Longe de lamentar o sucedido, o povo enfurecido regozijou-se, e para encobrir o crime alguém teve a ideia de levar o corpo para longe e regá-lo com querosene, cobri-lo de palha e lançar-lhe o fogo, pelo que em pouco tempo só restava um amontoado de ossos calcinados, e mesmo assim os mais resolutos pegaram em maços e marretas que usavam em trabalhos agrícolas e reduziram tudo a pouco menos que pó, que depois enterraram em local ermo. Não havia corpo de delito, portanto não havia crime, pensaram os mais avisados. Testemunhas que pudessem fazer denúncia também não havia: o Marquês ficou no seu escritório indiferente a tudo e os pais de Rogério partiram pouco depois da trágica morte da sobrinha (tentando levar o filho, que decidira ficar), temendo o que poderia daí advir, já que sentiam desde o dia anterior um antagonismo muito forte por parte do povo do Casal dos Ventos; além disso, notaram que o Marquês estava a entrar num estado de semiloucura, pois lhes disse que não faria sequer o funeral à filha, não abrindo mais a boca a partir daí.

Durante a noite, o povo velou o corpo de Clarinha, enquanto um carpinteiro lhe fazia o caixão.

No dia seguinte saiu do solar o seu funeral, com grande acompanhamento, a caminho do cemitério de Arega. O Marquês, que

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

nem sequer compareceu no velório, também não acompanhou o corpo da filha à última morada, permanecendo encerrado no seu escritório.

Muita gente esperava o cortejo fúnebre no seu trajecto, ajoelhando-se à sua passagem. Quando atravessou a serra de Arega muitos pastores, a quem ela sempre tinha acarinhado, a esperavam, e à sua passagem cantaram tristemente em coro estas quadras que lhe dedicaram:

*Quem ali vai é uma santa
Que neste Mundo viveu
O seu corpo, vai prà terra
E a sua alma prò Céu*

*Já morreu a Clarinha
Já morreu a nossa santa
Chorem, chorem pastorinhos
Vão chorar junto da campá.*

E o féretro prosseguiu o seu triste caminho. Ao chegar aos Carvalhos da Nora os sinos dobraram finados. Em Arega, o caixão conduzido por quatro trabalhadores entrou na Igreja, onde o aguardava o padre Alberto para rezar a missa de corpo presente. Depois, muito emocionado, pois sentia-se também culpado por não ter conseguido que o Marquês transigisse em favor da filha, o padre acompanhou o caixão de Clarinha até ao cemitério, onde fez a encomendação daquela alma pura ao Criador, conforme os rituais cristãos. Os numerosos acompanhantes quedaram-se, durante muito tempo, sem querer convencer-se de que a tinham de deixar ali, naquele campo santo, para todo o sempre. O dia ia chegando ao fim, a noite aproximava-se e todos regressaram finalmente às suas casas.

Entretanto, o Marquês praticamente não saiu do escritório, não falou com ninguém, embora durante a noite se ouvisse a conversar, às vezes em tom alterado, ameaçando a filha. Uma criada, espreitando para ver com quem o patrão estava a falar, não viu ninguém com ele, apenas se vislumbrava uma luz baça para a qual o Marquês supostamente falava. Isso deixou a

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

serviçal aterrorizada, dizendo que o patrão falava com almas do outro mundo.

Os pais de Rogério, talvez porque tivessem ouvido alguns rumores, apresentaram-se manhã cedo no Casal dos Ventos à procura do filho. No solar, o Marquês não abria a boca, apenas fazia gestos indicando que nada sabia; os moradores do Casal fecharam-se num mutismo hostil e apenas um ou outro respondia por entre dentes que Rogério tinha partido. Perante isso, regressaram a Coimbra, onde foram apresentar queixa na Polícia.

O receio das consequências entrou a minar as cogitações daquele povoado. Mentalmente todos recebiam os futuros acontecimentos em relação ao assassínio colectivo levado a efeito pelos trabalhadores na pessoa do sobrinho do Marquês. Foi a explosão do ódio que se apoderou de todos naquela altura e naquela exaltação não puderam evitar o pior.

Dois dias depois destes acontecimentos chegou Roberto, que em devido tempo tinha recebido a carta da Clarinha, informando-o de que o pai a queria obrigar a casar com o primo. Logo que recebeu a notícia, três dias antes da data marcada para o casamento, ficou muito aflito e meteu-se a caminho. Se tudo tivesse corrido bem, ele chegaria ainda a tempo de evitar todas estas desgraças. Mas não, quando atingia a região de Santarém partiu-se uma roda da galera em que viajava. Por esse motivo não pôde continuar a viagem antes de feita a reparação, o que levou a que só aportasse aos Cabaços dois dias depois do funeral de Clarinha.

Quando chegou ao Casal dos Ventos foi informado de todos os acontecimentos recentes e também da prisão do seu pai, facto que ainda desconhecia, porque Henrique tinha pedido à mulher e também a Clarinha que não dessem esse desgosto ao filho.

Como é de calcular, Roberto ficou num estado de espírito perfeitamente caótico, prostrado por tanta desgraça. Todos os seus sonhos de tantos anos se desfizeram, e só lhe restava a saudade. Saudade que lhe consumia a alma e à qual sentia não poder resistir. Durante largo tempo ficou alheio a tudo o que o

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

rodeava e por fim começou a raciocinar. Lembrou-se do grande interesse que o Marquês mostrou, segundo dizia, em garantir o seu futuro, fazendo com que os pais o mandassem para Lisboa, e constatou que o verdadeiro motivo do pai de Clarinha era afastá-lo rapidamente dela, de modo a poder manipulá-la à sua vontade. No cérebro confundido de Roberto geraram-se dois sentimentos opostos: o ódio e o amor saudosos. Ódio pela traição do Marquês, amor saudosos pela principal vítima daquele pai desumano. E no seu íntimo uma ideia sinistra ia tomando forma: «Clarinha já morreu e com ela todas os meus sonhos na vida. A vida... para que me serve a vida?, sem a minha amada não tem sentido. É preciso castigar os causadores de tantas desgraças, não podem ficar impunes». E com estes pensamentos obscuros afastou-se do Casal dos Ventos e foi vagueando por destino incerto. Era quase noite quando se sentou num rochedo, por sinal bem perto do local onde o que restou dos ossos de Rogério foi enterrado. Aí, não contendo as lágrimas, levou a mão ao bolso da camurcina para tirar o lenço e encontrou um revólver que tinha comprado a um cigano em Lisboa, antes de empreender a vigem de regresso, aconselhado por um amigo que o tinha prevenido do risco dos assaltos de que nesse tempo eram vítimas os viajantes, já que as jornadas eram longas e perigosas.

Foi então que a ideia tomou corpo. Regressou imediatamente ao povoado, desvairado, e dirigiu-se ao solar, que conhecia como a palma da mão. Entrou sorrateiramente, a coberto da noite que entretanto já tinha caído, e dirigiu-se ao escritório. O Marquês encontrava-se aí como habitualmente, com ar desleixado, consultando uns livros e resmungando ininterruptamente, como que a responder a alguém. Roberto entrou sem ruído e, com o revólver embrulhado num saco de serapilheira que tinha tirado da arrecadação, encostou o cano à cabeça do Marquês e disparou. Ouviu-se um ruído abafado, o sangue começou a escorrer pelo orifício da bala, o Marquês, com o olhar vidrado, virou-se para Roberto e murmurou: «Obrigado!» Depois, tombou sobre a secretária, já sem vida. Roberto ficou um momento imóvel, um arrepio gelado a percorrer-lhe o corpo. De repente, perto da janela, vislumbrou uma luz baça, irreal, como que um

(continuação do n.º 59)

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

raio de luar filtrado por uma peça de cristal. Deixou cair a arma e o saco que a embrulhava e pareceu-lhe então ouvir uma voz suave que bem conhecia: «Perdoo-te por matares o meu pai, sei que o fizeste por amor a mim!» Então teve a sensação de que aquela luz lhe acariciava a face enquanto se sumia lentamente.

Uma enorme serenidade o invadiu. Muito calmo, apanhou o revólver, saiu, fechou à porta à chave, e sem qualquer espécie de medo tinha agora a certeza de que devia levar avante o seu plano. Foi direito à casa dos pais, onde a sua mãe estava já bastante aflita em face da sua ausência.

— Filho, onde tens andado? Estou aqui raladíssima a pensar que te tinha acontecido alguma coisa.

— Mãe, eu aqui já não faço nada. Por isso fui aos Cabaços saber se haveria algum transporte para Lisboa. Por sorte há uns carreiros que vão para a Barquinha de madrugada levar carga para os batelões e eu aproveito, vou com eles e depois sigo de barco ou de galera para a capital. A minha vida aqui acabou.

A mãe não contestou e Roberto despediu-se com uma frase que ela jamais esqueceria:

— Adeus, mãe. Brevemente terá notícias minhas. E lembre-se sempre de que gosto muito de si e do pai.

Joana achou o filho calmo de mais face aos acontecimentos recentes, mas, sem nada deixar transparecer, abraçou-o e fez-lhe as recomendações que normalmente as mães fazem aos filhos nas despedidas.

Roberto tomou o caminho dos Cabaços, mas chegado ao cruzamento do Vale de Ladrões virou rumo a Arega. Pela réstea de luar que passava pelos pinheiros apercebeu-se de que mais abaixo dois salteadores tinham interceptado um pobre viajante com o propósito de o roubarem. Era hábito naquele local haver muitos assaltos, algumas vezes até com assassínios, pois era um grande atalho para as gentes que vinham da zona da Sertã e da serra da Lousã em demanda de trabalho nos campos do Ribatejo. Esteve quase a ignorar o que se passava, pois o propósito dele era outro, mas lá no fundo a sua consciência impeliu-o a ir em socorro do infeliz. Puxou do revólver e atirou um tiro para o ar, ao mesmo tempo que corria em direcção aos assaltantes e gritava:

destacável

Voz D'AREGA, n.º 61

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

— Desandem, filhos do Demo, ou furo-lhes o bandabulho!

Os ladrões, que não esperavam tamanha arremetida, deram de fugir pelos matagais como lobos acossados.

O pobre viajante, que vinha duma aldeia da serra da Lousã para apanhar transporte nos Cabaços rumo ao Ribatejo, onde ia juntar-se a um rancho da terra no trabalho das vinhas, não parava de agradecer a Roberto:

— Você foi Deus que me apareceu. Aqueles malandros vinham atrás de mim há um bom bocado, que eu bem os sentia. Se não fosse você, se calhar a esta hora já estava morto. Não sei como lhe hei-de agradecer.

— Olhe, amigo. Reze-me pela alma, que bem preciso. E para não ter mais maus encontros, que daqui aos Cabaços ainda é longe e esses bandidos podem estar à espera mais abaixo, siga este carreiro por onde eu vinha e a pouco mais de 20 minutos encontra um lugar de casas onde pode pernoitar. Se alguém lhe perguntar diga que foi o Roberto que o mandou. Ah! E faça-me um favor, não me pergunte porquê, mas diga que eu ia a caminho dos Cabaços...

O homem ficou um pouco espantado mas agradeceu mais uma vez e seguiu o conselho recebido.

Roberto retomou o caminho para Arega em paz consigo próprio.

Chegou à vila perto da meia-noite. Os moradores, àquela hora, repousavam no sono dos justos.

Ajoelhou-se no adro da Igreja e fez uma longa oração com os olhos postos na cruz. Reparou então que no Paçal uma pequena luz tremeluzia por entre as frestas de uma janela. Era talvez o Padre Alberto a fazer as suas orações nocturnas ou a ler o Breviário, pensou. Persignou-se, deu a volta ao adro como que em penitência, e dirigiu-se ao cemitério. Como o portão principal se encontrasse fechado, saltou o muro lateral e entrou no campo sagrado. Um luar diáfano emprestava ao local esgares fantasmagóricos, que no entanto o não amedrontavam. Reparou que, estranhamente, num determinado espaço a luz era de tonalidade diferente, igual à que vira no escritório do Marquês. Dirigiu-se para aí e surgiu-lhe uma campa com terra fresca e coberta de flores, que logo compreendeu ser a da sua amada

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Clarinha. Prostrou-se inebriado, dizendo em silêncio tudo o que lhe ia na alma.

O Padre Alberto, desde o suicídio de Clarinha, mal conseguia dormir. Não lhe saía da cabeça que poderia ter evitado toda a tragédia se tivesse feito ver ao Marquês toda a irrazoabilidade das suas pretensões em relação à filha. Daí que passasse as noites em oração, tentando de alguma forma apaniguar o seu remorso. Tinha-se deitado por volta da meia-noite, embora o sono não o quisesse acompanhar. Continuou a ler o seu livro de orações à luz da candeia de azeite até que deu pelo bater das duas horas no relógio de sala. Disse de si para si que não podia ser estar assim tanto tempo sem dormir e quando se preparava para apagar a torcida da candeia ouviu ecoar no escuro da noite um estrondo que lhe pareceu o estouro de um foguete de tiro em dia de festa. Amedrontado, assomou à janela e ficou paralisado com o que viu: o luar tinha dado lugar a uma noite escura como breu, no entanto, sobre o cemitério incidia um foco de luz que parecia irreal. O padre benzeu-se e tentou encontrar explicação para o estranho fenómeno. Lembrou-se de um fogo-fátuo a que tinha assistido no Verão transacto, mas não encontrou semelhanças com o que acabara de presenciar. Ao voltar a deitar-se, inadvertidamente uma frase lhe escapou: «Apiede-se Deus da sua alma!»

Estava marcado para o dia seguinte o funeral de uma pessoa já muito idosa que falecera no Casalinho. Era preciso abrir a tumba e o coveiro lá foi cumprir o seu piedoso mister. Quando passou ao pé da campa de Clarinha, ajoelhou-se para lhe rezar uma oração, pois também a sua alma se apiedara daquela pobre infeliz que tão cedo perecera. Reparou então numa enorme mancha de sangue que cobria as flores postas em cima da sepultura e num revólver que mais ao lado se encontrava no chão. Correu alvoroçado a chamar o regedor para que tomasse conta da estranha ocorrência. Vieram os peritos da Polícia mas apenas encontraram por baixo das flores, e já um pouco enterada, a camurcina de Roberto. Quanto ao revólver, concluíram que estava encravado e que jamais poderia disparar um tiro que

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

fosse. No entanto, nunca conseguiram explicar porque é que se distinguiam perfeitamente pegadas em direcção à campa mas não a abandoná-la, assim como não se encontrou mais sangue senão ali, naquele local. As autoridades ainda tentaram exumar o corpo de Clarinha, mas o Padre Alberto opôs-se com firmeza, argumentando que a paz eterna não podia ser profanada. A quem lhe perguntava que mistério seria aquele, apenas respondia: «Estranhos são os desígnios do Senhor!»

Roberto nunca apareceu em Lisboa nem mais foi visto pelas redondezas e foi dado como desaparecido. Como o seu revólver foi dado pela Polícia como incapaz de dar um tiro, também a morte do Marquês permaneceu um mistério insolúvel.

No Verão desse ano, um rancho de trabalhadores dos lados da Lousã, que vinha do Ribatejo, acolheu-se num palheiro que era pertença do Paçal. O Padre Alberto, na sua missão de pastor de almas, dirigiu a oração de acção de graças antes duma pequena refeição composta por caldo simples de couves, que era o que de melhor podia oferecer nesses tempos de pobreza aos viandantes que pôr ali pernoitavam. Depois, entreteve-se em amena conversa e contou o caso recentemente passado que ainda enchia de tristeza a sua alma. Ao ouvir a descrição, um dos presentes pediu para falar em particular com o padre. Era o viajante a quem Roberto tinha salvo dos ladrões e que muito espantado ficara quando aquele lhe pediu que rezasse pela sua alma e que dissesse que ia para os Cabaços, quando na realidade tomava o rumo de Arega. Depois de ouvir o homem que vinha da borda d'água, o Padre Alberto recolheu-se emocionado e nessa noite não pregou olho.

Muito se espantaram os paroquianos que no dia seguinte viram o seu pároco ajoelhado no cemitério durante toda a manhã.

A partir daí, e enquanto foi vivo, todas as semanas o Padre Alberto celebrava uma missa pelas almas de Clarinha e Roberto.